

Análise de discurso sobre terceirização e precarização nas relações de trabalho

REGINA CELIA DE BARROS

RESUMO

Vivemos numa sociedade Capitalista e nela encontramos discursos fruto de políticas que acenam para soluções imediatistas aos problemas muito mais complexos. E tratar separadamente as divisões que esses discursos trazem requer muito cuidado para que as aparentes diferenças entre elas não oculte as suas semelhanças. Os subterfúgios jurídicos na criação de leis que lhes proporcionem mais lucros. Os frequentes discursos na busca de compor um preço com maior lucro é levado para a Administração. Mas a que preço? O Estado ofertando produtos e serviços com lucro para quem? Os embriões da terceirização. Os discursos da terceirização baseados no dogma do lucro. A barbárie se refinando. Exagero? Não se trata de negar, recusar, não usar os recursos da globalização, das tecnologias, que são de fato força viva e que com elas podemos nos ajudar a mudar o mundo.

Palavras chaves: precarização; terceirização; e embriões da terceirização.

Os discursos fazem parte das relações sociais e temos que pensar, como esta ocorrendo os discursos dentro das relações de trabalho nessa sociedade capitalista. Pensar em trabalho dentro de várias perspectivas e em especial de terceirização implica conhecer as demandas que a Sociedade Capitalista na terceirização estabelece como resposta ao crescimento desenfreado na busca do lucro e da competitividade. Dentro desta realidade a sociedade que é regida pelo modo de produção capitalista, caracterizada pela divisão social e imbuída de contradições, redireciona suas relações entre os homens e ao mesmo tempo os alienam.

A constituição histórica dos homens, sujeitos e humanos não devem ser ignorada, imobilizada dentro dos espaços sociais, que em sua constituição anacrônica se autodestroem e projetam um processo de exclusão social, contribuindo para a desumanização e alienação.

A divisão de trabalho expressa a sustentação do capital e é fundamental discutir as relações sociais e de poder contidas nessas relações. Não esquecendo que dentro da Divisão Trabalho e das relações sociais encontramos a Terceirização como uma ramificação dessas políticas.

E na busca de captar essa sociedade dentro da totalidade, ou seja, como produção e reprodução de relações sociais historicamente determinadas e das contradições que as permeiam na obra “Ideologia Alemã”, Marx e Engels mostram qual deve ser o ponto de partida.

“Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens reais, ativos e, com base no seu processo real de vida, apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos destes processos de vida. Também as fantasmagorias no cérebro dos homens são sublimados necessários da vida material, empiricamente constatável e ligados a premissas materiais.” (MARX, 1981, p.81).

A terceirização não é coisa nova. Cristovão Colombo andava pela península ibérica em busca de apoio para o chamado “Empreendimento para as Índias”, na busca de uma rota ocidental para o Oriente, ou seja, um empreendimento privado seu. Apresentou seu plano em Gênova, mas não conseguiu ajuda do governo. Tentou em Portugal e não conseguiu, mas não desistiu e conseguiu convencer os Reis da Espanha. Recebe três naus e leva seu plano avante. E dentro dessas naus levam na sua maioria “trabalhadores” desqualificados e até degradados. E assim a América foi descoberta. E o Estado Espanhol assume a paternidade da América, e assim surge a terceirização em todos os sentidos do empreendimento comercial. O comércio não mais se limitava aos rios e mares como o Mediterrâneo tinham o Atlântico e o Pacífico, e assim também a América. O Governo que não podia perder o poder, e nem mandar toda sua tropa, pois desguarnecia as fronteiras, que eram ameaçadas naquela época por lutas entre nações. Agora mandavam um seleto grupo para prestar serviços altamente lucrativos em nome do rei. Esses partiam de sua terra natal para um novo país alienado em nome da coroa. Foi assim no início da América e no

Brasil foi um pouco pior, pois a colonização foi feita praticamente por Portugueses e escravos vindos da África.

Leo Huberman conta alguns detalhes, desse aspecto curioso, nessa época de superterceirização em seu Livro História da Riqueza do Homem:

" Basta conhecer o nome de uma das primitivas e mais famosas das novas companhias: Mistério e Companhia dos Aventureiros Mercadores para a descoberta de regiões, domínios, ilhas e lugares desconhecidos".. Mas tal nome não conta nem mesmo a metade da história. Porque, uma vez realizada a descoberta, fortalezas tinha que ser erguidas, guarnições de homens estabelecidos nos postos, arranjos efetuados com os nativos, levar se a cabo o comércio, descobrirem-se métodos de manter afastados os estranhos, isto para não falar nos preparativos longos e dispendiosos, como comprar ou construir navios, engajar a tripulação e fornecer alimentação e equipamento durante a jornada, incertos e perigosos. Tudo isto custava dinheiro - e muito dinheiro. Custava muito mais dinheiro do que era possível alguém ter, sozinho, ou desejar arriscá-lo em tão perigosa aventura.

A organização tradicional das associações que se haviam criado para negociar com as velhas rotas de comércio não se adaptava às novas condições. O comércio a uma distância considerável, em terras desconhecidas, com povos estranhos, e sob condições pouco familiares, necessitava um novo tipo de associação - e, como sempre acontece, surge esse novo tipo, para atender as necessidades." (HUBERMAN, 1981. p.34)

E com esse Comércio o homem vai tornando a sua relação de trabalho mais alienada, vendendo cada vez mais seu trabalho por míseros trocados e tentando sobreviver nesse mundo. Essa terceirização aconteceu de tal forma, que não os deixavam ver que seu trabalho é quem mantinha e sustentava o poder de um país longínquo.

No processo de alienação remeto a Karl Marx, que teorizou e escreveu sobre o modo de organização social da alienação, que é o modo de produção capitalista. Mediante seus estudos e pesquisas podemos visualizar que a alienação é condição básica para a manutenção desse modo de produção, quando se caracteriza o obscurecimento da realidade, das consciências, da capacidade dos sujeitos de perceber as situações.

A alienação do homem e, acima de tudo, a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e exprime-se primeiramente na relação do homem aos outros homens. Assim, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, enquanto trabalhador se encontra. (MARX; ENGELS, 1964, p. 166)

Segundo Marx e Engels (1964), a alienação do trabalhador não significa apenas a transformação do seu trabalho em objeto, mas o produto do seu trabalho, verdadeiros objeto, “assume uma existência externa, que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica” (MARX; ENGELS, 1964, p. 160).

Sendo assim, tanto a América com Cristóvão Colombo e o Brasil com Pedro Álvares Cabral foi feita por terceirização. No Brasil, a coroa portuguesa escolhia a dedo ou transformava o povo que para o Brasil vinham como alienados, não só pelo seu trabalho, mas também pelo produto do seu trabalho. E é de conhecimento de todos que para o Brasil foram mandados degredados, desertores e naufragos. Além de camponeses pobres, agregados de um pequeno nobre que vinha estabelecer engenhos, tinham os escravos trazidos da África.

A história nos mostra que a compreensão do processo de trabalho requer muito cuidado, para que as aparentes diferenças entre essas relações não ocultem as suas semelhanças. E da necessidade em se preocupar com a totalidade.

E quando se fala em totalidade temos que interpretar quais as soluções imediatistas aos problemas encontrados foram utilizados nesse mundo capitalista.

Braverman, em Trabalho e capital monopolista, elucida bem este estado caótico que assume o capitalismo em sua fase monopolista e a importância do Estado para contornar essas crises:

“Tendo o Estado o poder de decretar impostos, regular o comércio internacional, as terras públicas, o comércio e o transporte, a manutenção das forças armadas e o encargo da administração pública, tem servido como um aparelho para drenar a riqueza para as mãos de grupos especiais, tanto por meios legais como ilegais.”(1980. p. 242).

E foi através de discursos diferentes desses que mudam a nossa realidade que explico o porquê do estudo sobre Terceirização.

O Processo de Terceirização”.

No mundo das relações do trabalho existem vários temas a entender, mas a terceirização é um assunto importante que acompanha os profissionais da educação. As questões sobre a terceirização começam a surgir nas escolas do Distrito Federal em 2001 e até hoje o medo de discutir entre alguns trabalhadores ainda impera.

É neste contexto, várias indagações surgiram, e dentre elas, uma em especial: Será que as políticas de terceirização nas escolas contribuem para ampliar o leque das desigualdades sociais? Essa questão ampla e complexa tem como pressupostos que tais políticas tendem a privilegiar os donos das empresas e, até mesmo, pessoas do serviço público que recebem ou privilegiam acordos, sem preocupar-se com as diferenças salariais encontradas entre os servidores concursados e os terceirizados. Além disso, essas mesmas políticas parecem também desconsiderar as influências que o fator econômico poderá provocar dentro do ambiente de trabalho, tanto no âmbito individual como em grupo.

Os discursos observados são que os Diretores terão menos serviços? Não precisam se preocupar com o trabalho? Eles terão menos responsabilidades? O trabalho será melhor?

Sabemos também que, neste contexto, enquanto empresa, há também os discursos: que para sobreviver na disputa da competitividade, as empresas devem estar o tempo todo em estado de alerta, buscando excessivamente na composição dos preços a diminuição dos custos e do valor da mão de obra, assim, a empresa tem de operar com custos competitivos, que lhe permitam oferecer produtos e serviços com uma margem razoável de lucro.

Mas a que preço? Seja no valor da força de trabalho homem e até mesmo das empresas, pois a realidade brasileira mostra que no Brasil muitas vezes as micro e pequenas empresas não sobrevivem mais de cinco anos, conforme pesquisas. Tais circunstâncias que acirram a competitividade são tão agressivas que o homem que a princípio era o dono da empresa entra em colapso nervoso.

Discursos falseados são feitos todos os dias pela mídia e pela sociedade capitalista, o que não mostram para esses diretores sejam de empresas e de escola que hoje o mercado te aceita e amanhã quando não fornecer mais lucro aos grandes será engolido por eles... Ou seja, hoje é o trabalho do seu empregado amanhã será o seu trabalho... Serão vocês. Iludidos pelo sistema capitalista.

A visão deve ser em conjunto e não estanque e de momento. Pois hoje temos vários contratos de terceirização em Empresas Públicas que geram as piores crises trabalhistas, com milhares de terceirizados sem receber seu salário. Não é um contrassenso? Não é estranho? Mas os líderes desviam os olhos como se não tivessem parcela, como se não tivessem um mínimo de responsabilidade no caso.

Embrões da Terceirização:

“make or buy”, “Outsourcing”, “Multisourcing”, “co-sourcing”, “partnership”, “Privatização”, “Permissão e “Concessão”

Palavras e palavras, discursos que levam a precarização do trabalho humano, tudo a favor da Terceirização e Precarização, alguns teóricos dizem que uma e diferente da outra, mas na sua essencial, tudo é a mesma coisa.

Palavras que são frutos de uma política pública e acenam para soluções imediatistas a problemas muito mais complexos.

Hoje não se fala mais em *make or buy*, a expressão mais usada atualmente é *outsourcing*. *Source* (fonte, lugar de origem, causa primeira, em inglês) é uma palavra que vem do verbo latino *surgere* (*surgir, nascer, aparecer*), e dá bem a ideia do que se quer, coisa originária de fora da empresa, não de dentro dela. As tendências de mercado também é o “*multisourcing*”, onde o departamento da empresa é terceirizado em pedaços. Ainda temos o “*co-sourcing*”, em que a terceirização funciona como um casamento de comunhão de bens, comparados por alguns empresários brasileiros. No Brasil usamos a palavra Terceirização para coisas originárias de fora.

Na terceirização o mercado está mais preocupado em “enxugar” o quadro de pessoal e reduzir custos fixos. Com isso aumentar o desemprego, as perdas salariais e benefícios, desmobilizando trabalhadores, aumentar as discriminações. E esse dilema divide os donos do capital dos trabalhadores.

Esse dilema, que vem dá ideologia capitalista, influencia as relações de capital e trabalho. E através de instrumentos jurídicos de descentralização, de parcerias e terceirização reflete na questão social e aumenta as desigualdades sociais.

E para melhor compreender o que acontece na terceirização, ou nos instrumentos jurídicos de descentralização é necessário distinguir o que seja Privatização, Permissão e Autorização. Assim, segundo Di Pietro e Zanella (1997):

Para definir “*Privatização*” os referidos autores utilizam dois conceitos:

1. No prólogo da obra de Juan Carlos Cassagne, observa Jorge A. Aja Espil (1992, p14), “a chamada privatização era, até pouco tempo, uma daquelas palavras exóticas que o dicionário se omitia de incluir. Apenas recentemente, em começos de década de 80, as novas edições dos léxicos norte-americanos começam a dar conta de sua definição: “populares e embaraçosos jargão destinado a desembaraçar o Estado de funções próprias do setor privado”. Está claro que o conceito de privatização importava em redefinir o âmbito próprio do Estado, mudar as antigas e novas fronteiras, mediante uma revitalização das liberdades”. (DI PIETRO e ZANELLA. 1997. p.93)

2. Francisco José Villar Rojas (1993, p 100-101) acaba por definir a privatização como “a redução da atividade pública na produção e distribuição de bens e serviços, mediante a passagem (por vezes, a devolução) dessa função para a iniciativa privada.” (DI PIETRO e ZANELLA, 1997, p. 93).

Definindo “*Concessão*” os autores indicam que: “*Concessão de obra pública é o contrato administrativo pelo qual o poder público transfere a outrem a execução de uma obra pública, para que a execute por sua conta e risco,*

mediante remuneração paga pelos beneficiários das obras ou obtidas em decorrência da exploração dos serviços ou utilidades que a obra proporciona (DI PIETRO e ZANELLA, 1997, p. 94).

O conceito de “*Permissão*” é por eles identificado como: “*Ato administrativo unilateral, discricionário e precário, gratuito ou oneroso, pelo qual a Administração Pública faculta ao particular a execução de serviços públicos ou a utilização privativa de bem público por terceiros (DI PIETRO e ZANELLA, 1997, p. 94)*”.

E, finalmente, como “*Autorização*”, os citados autores sinalizam que: “*É o ato administrativo unilateral e discricionário pelo qual o Poder Público delega ao particular a exploração de serviços públicos, a título precário*”. (DI PIETRO e ZANELLA, 1997, p.95)

As definições acima são aqui tratadas, por serem formas legais de estabelecer a prestação de serviços públicos, sendo que através de licitação o Estado permite o regime de concessão ou permissão para a terceirização dos serviços públicos (DI PIETRO e ZANELLA, 1997, p. 99),

Mas quem se beneficia com isso. O Governo? As grandes empresas? O povo? O povo paga um dos maiores impostos e tributos do mundo e às vezes tem que pagar novamente pelo que já foi pago. Os exemplos são: na privatização: Projetos que transferem a Educação pública para a particular. Na Concessão: O Governo constrói com os impostos estradas ou metrô, mas quando a população vai usar ou usufruir o Governo concede a terceiro o uso e o povo paga novamente. Permissão: O Governo permite que terceiros utilizem espaços públicos e os tornem particular, exemplo: as ilhas brasileiras. Autorização: o Governo pede que terceiro construa algo e por isso ele pode cobrar por um tempo. Os estacionamentos de aeroportos são pela via da autorização.

O discurso da terceirização

Terceirizar consiste em transferir a atividade de uma empresa para terceiros, ou seja, na subcontratação para realização de serviços específicos, modificando, assim, sua dimensão e o número das atividades desenvolvidas. Nessa lógica, opta-se por administrar contratos com as empresas terceiras, visando, obter redução de custos fixos racionalização das atividades gerenciais, especialmente na área de gestão de pessoas.

O primeiro foco de terceirização se estabeleceu em torno de atividades extremamente periféricas como limpeza, conservação, segurança patrimonial. A razão dessa adoção estaria na tentativa de racionalização do mix de ocupações, a atividade essencial constituiria o polo de emprego, as demais necessidades passando a ser tratada como serviços que se adquiriria num mercado de fornecedores. (Gomes e Vidal, 2013, p. 2).

No Brasil, a noção de terceirização foi trazida com a construção dos primeiros portos e muito explorada na década de cinquenta com as multinacionais, pelo interesse que tinham em se preocupar apenas com a essência do seu negócio. A indústria automobilística é exemplo de terceirização, ao contratar a prestação de serviços de terceiros para a produção de componentes de automóvel, reunindo peças fabricadas por aqueles e procedem à montagem final do veículo.

Procurando sistematizar o conceito, cabe a pergunta mais o que é terceirização?

“A terceirização consiste na possibilidade de contratar terceiros para a realização de atividades que não constituem o objeto principal da empresa. Essa contratação pode envolver tanto a produção de bens como serviços, como ocorre na necessidade de contratação de serviços de limpeza, de vigilância ou até de serviços temporários” (Pinto, 2003, p.23).

Já muitos falam que terceirização vem de terceiro, ou seja, o medianeiro, ou também o que se coloca após o segundo.

A terceirização do serviço público é feita através de Políticas Públicas que são um conjunto de ações ou normas de iniciativa governamental que visam a determinados objetivos, ainda que suas execuções através de programas e projetos

que possam ser desenvolvidos por agentes públicos. Suas configurações demonstram a articulação entre o Estado e a Sociedade. Elas são, conforme Dias e Matos definidas, implementadas, reformuladas ou desativadas com base na memória da sociedade ou do Estado. Assim sendo, cabe a Sociedade articular-se com o Estado, na busca de não deixar que o ensino seja delegado à esfera privada.

É de conhecimento de todos que existem vantagens e desvantagens na terceirização e por isso colocamos a disposição para análise a tabela 3.1. da Dissertação de Mestrado em Engenharia Elétrica de Graziela Ferreira Guarda sobre “Análise de contratos de terceirização de TI na Administração Pública Federal sob a ótica da Instrução Normativa nº 04”.

Vantagens de Terceirizar a TI	Desvantagens de Terceirizar a TI
1. Despreocupação com suprimentos.	A falta de capacitação/qualificação do terceiro.
2. O alto nível dos serviços, com o aumento da satisfação do usuário.	A perda do controle sobre a qualidade, sobre os custos e sobre os prazos.
3. Flexibilidade técnica.	A resistência interna do pessoal técnico e dos usuários em relação aos terceirizados.
4. Objetividade de análise custo x benefício para novos projetos.	A cultura do terceirizado não se adaptar ao padrão da empresa.
5. A previsão de gastos.	As metas mal planejadas.
6. A transferência da responsabilidade das operações dos	As reclamações trabalhistas.

sistemas.	
	O vazamento de informações confidenciais
	O aumento nos custos e nos processos de licitação uma vez que o volume de gastos ao final de um contrato dificilmente são os mesmos previstos inicialmente.

Essa tabela mostra que existem mais desvantagens do que vantagens em Terceirizar. E nela não consta dois problemas vitais na Administração Pública que são a falta de gerenciamento e fiscalização por parte dos Governos e falhas no edital de licitação, etapa anterior a contratação do fornecedor .

E mais uma vez, e possível constatar que baseado no dogma do lucro, esse processo capitalista de terceirização vai se sistematizando e crescendo dentro dos Governos Capitalistas e os homens vão se resignando com a situação e aceitando esses discursos sem analisá-lo. Vendo a barbárie se refinando.

E reconhecer que nos discursos sobre a Terceirização não se fala em diminuição de postos, ou seja, desemprego, menor grau de estudo e qualificação do profissional, maior tempo de trabalho de 40 para 44 horas semanais, menos salários. Desumanização do homem e existência de um sentimento de diferença entre o concursado e o terceirizado, além de outras coisas não elencadas.

Os discursos Capitalistas tem a seu favor, o rádio, o cinema, a televisão, os jornais, diferentes meios de comunicação para trabalhar suas ideias sobre trabalho. Para Politzer:

“É preciso trabalhar para ter ideias novas que tragam consigo a confiança, e não o desespero, a luta e não a resignação. Para os trabalhadores, isto não é uma questão secundária. É uma questão de vida ou morte, porque eles não poderão se livrar da opressão de classe se não tiverem uma concepção do mundo, que os levem a poder efetivamente transformá-lo. (1974. p.18)

Quem entre nós se mobiliza ao saber que no Mundo ainda existem como na Índia, por exemplo, pobres que vendem seus rins, córneas etc a fim de subsistir durante algum tempo? E o turismo sexual no Brasil? E a educação sem qualidade?

Mais o que lhes deu origem? A pobreza que, mutila os pobres em favor dos ricos, seja ele com os órgãos ou com o intelecto.

Não se trata de negar, recusar, não usar os recursos da mundialização, globalização, o surto das tecnologias, que são de fato força viva que podem nos ajudar a mudar o que nos faz mal.

É neste contexto que pretendo compreender os reflexos da política de terceirização dos Serviços de Apoio Escolar nos contratos firmados entre o Governo do Distrito Federal e as Empresas que possuem o Contrato vigente no ano de 2014. Identificar os valores gastos nos contratos de terceirização e o gasto com servidores concursados. Descrever o perfil dos servidores concursado e terceirizados e analisar o impacto dessa política de terceirização nos Sindicatos da categoria no DF, ou seja, SAE/DF (Sindicato dos Auxiliares de Educação do Distrito Federal) e SAEP/DF (Sindicato dos Auxiliares das Escolas Particulares do Distrito Federal).

Essa análise da terceirização dos Servidores Escolares do Distrito Federal não poderia ser feita sem levar em conta o atual contexto social, político e econômico que influencia as políticas elaboradas para o Serviço Público. Nesse sentido, porá opção será por desenvolver um olhar dialético sobre o objeto de estudo, dado o movimento que envolve o trabalho dos funcionários, sempre em transformação e que possui, portanto, atributos da realidade e não do pensamento. Nesse sentido, Frigotto (1995) assim se expressa:

“No processo dialético de conhecimento da realidade o que importa fundamentalmente não é a crítica pela crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano de conhecimento e no plano histórico-social.” (p.81)

Com essa definição, que indica uma pesquisa do tipo qualitativa, o próximo passo será ir ao estudo empírico para que o mesmo indique ajude na coleta dos dados(leis, decretos, normas, resoluções, pareceres, portarias, etc.). Portanto, a opção será pela pesquisa no âmbito do Materialismo Histórico e Dialético que,

segundo Gil (1988), constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Lembra, ainda, que o produto final passa a ser um problema mais esclarecido. E só após a fase de coleta de informações e da composição do problema a pesquisa passa a apresentar sua fase analítica.

Referências

____. **A ideologia alemã**. Tradução José Carlos Bruni e Marcos Aurélio Nogueira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

____. HUBERMAN, Leo. **A História da Riqueza do Homem**. Zahar Editores, 17ª. Edição, 1981

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho do século XX**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Parcerias na Administração Pública: Concessão, Permissão, Franquia, Terceirização e outras formas**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.

DIAS, R.; MATOS, F. O conceito de políticas públicas. **Políticas Públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Atlas, 2012,

FRIGOTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. São Paulo. Ed. Cortez, 1995.

GOMES, José Orlando e VIDAL, Mário César Rodriguez. **Contextualização da terceirização e suas perspectivas como prática social**. Disponível em : <http://www.ergonomia.ufrj.br/artigos/contextualizaçãodaterceirização.pdf> Acesso em: ago.2014.

GUARDA, Graziela Ferreira. **Análise de contrato de Terceirização de TI na Administração Pública Federal sob a ótica da Instrução Normativa nº 04** (Distrito Federal) 2011. XI. 100 p., 297 mm (ENE/FT/UNB. Mestre, Engenharia Elétrica, 2011). Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília. Faculdade de Tecnologia. Departamento de Engenharia Elétrica. Publicação 437/2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 1988.

MARK, Karl: ENGELS, Friedrich. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 194.

MARK, Karl. **O capital: crítica da economia política**: livro I. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 17. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PINTO, Sérgio Martins. **A terceirização e o direito do trabalho**. 6ª ed. Revisada e ampliada, SP: Atlas, 2003.

POLITZER, Georges. BESSE, Guy e CAVEING, Maurice. **Princípios Fundamentais da Filosofia**. Tradução de João Cunha Andrade. USP. HEMUS Livraria e Editora Ltda. 1974.